

5 Análise de Dados

Neste capítulo, investigamos como se dá a construção conversacional do humor em conversas informais entre amigos. Especificamente para isso, realizamos uma micro-análise dos momentos em que ocorre o enquadre da brincadeira com o objetivo de compreendermos como se dá a co-construção conversacional do humor em encontros informais entre amigos.

Primeiramente, procuramos mostrar como se dá o estabelecimento do enquadre da brincadeira, dando uma especial atenção a como a brincadeira é iniciada, mantida e descartada, levando em conta o contexto imediatamente anterior e posterior ao enquadre e também os fenômenos lingüísticos a ele associados.

Na seção 5.1.1, analisamos a entrada e saída dos participantes no enquadre de brincadeira a partir de dois segmentos. Em seguida, na seção 5.1.2, com a análise de um segmento, olhamos para a não aceitação do enquadre de brincadeira. Em 5.1.3, na análise de um segmento, focalizamos a brincadeira aparente, que denominamos enquadres superpostos.

Uma vez compreendidas essas variações no enquadre da brincadeira, passamos, na seção 5.2, a tratar da organização de preferência com base na Análise da Conversa, analisando aí cinco segmentos.

Por fim, nas seção 5.3, tratamos das estratégias de envolvimento utilizadas pelos participantes da interação na construção do humor conversacional. Na seção 5.3.1, analisamos as estratégias de envolvimento presentes nos segmentos de humor direcionado a participantes da interação em dois segmentos e na seção 5.3.2, analisamos as estratégias de envolvimento presentes no humor direcionado a elementos externos ao grupo a partir de dois segmentos.

5.1.

O estabelecimento do enquadre de brincadeira

5.1.1.

A entrada e saída do enquadre de brincadeira

No primeiro segmento analisado, segmento (1), Aurora, Marcela e Dália estão na casa da autora e conversam sobre o arranjo de flores feito por ela. Marcela, que agora é bolsista e não pode ter vínculo empregatício, não trabalha mais.

Segmento (1) - “[**pessoa que fica agora**] sem [**trabalhar**]”

Participantes: Dália, Aurora e Marcela

1	Dália	[A:DO]RO essas cores [você pegou de um e de outro↑]
2	Aurora	[pessoa que fica agora]
3		sem [trabalhar]
4	Marcela	[peguei de um de outro][é: pessoa que tem tempo pra isso]
5	Dália	[tá LINDO:] ah eu vou ficar sem trabalhar também:m
6	Aurora	vem cá >você trabalha uma vez por semana<[e tem LABIRINTITE não e-]
7	Marcela	[peraí mas eu não fico sem trabalhar] completamente]
8		
9	Aurora	e ela tem labirintite [no dia que ela trabalha] ela [só trabalha] sexta
10	Marcela	[^o você teve↑ ^o]
11	Dália	[^o é ^o]

Quadro 1

As participantes já estão no estado²⁰ de brincadeira proporcionada pela intimidade e pelo ambiente em que se encontram, mas é na linha 2, com a provocação de Aurora, que o enquadre de brincadeira se inicia. A provocação é vista aqui como uma brincadeira, pois já é internalizado naquele grupo que Marcela (a quem a provocação

²⁰ (GOFFMAN, 1981)

é direcionada) sente-se culpada por não estar trabalhando, sendo esse um assunto delicado para ela. Aurora usa o humor, mais especificamente a provocação, para que possa tratar deste assunto. Na linha 2, [pessoa que fica agora] sem [trabalhar] a provocação direcionada à Marcela faz a abertura do enquadre de brincadeira que é aceito pelas demais participantes da troca conversacional.

Aurora acusa Marcela de ser desocupada, de ter tempo para ficar em casa montando arranjos de flores. Ao manter a terceira pessoa e repetir [a pessoa] usada por Aurora, na linha 3: [é: pessoa que tem tempo pra isso], Marcela aceita o enquadre se alinhando à Aurora e se auto-provocando. Dália, terceira parte da conversa, resolve se alinhar ao enquadre ao sugerir que ela também vai ficar sem trabalhar: [ah eu vou ficar sem trabalhar també:m.] (1.4). Além da repetição, a sobreposição e a fala acelerada ajudam a perceber a manutenção do enquadre de brincadeira. Na linha 5: [vem cá >você trabalha uma vez por semana<[e tem LABIRINTITE não e-] Aurora faz novamente uma provocação, desta vez direcionada à Dália. A fala acelerada ajuda a contribuir com o enquadre de humor, pois se feita muito lentamente, ou em outro momento, perderia o timing necessário para fazer efeito. Na linha 8: [e ela tem labirintite [no dia que ela trabalha] ela [só trabalha] sexta] Aurora estende a provocação à Dália explicando que esta trabalha pouco e quando trabalha tem crise de labirintite. Neste trecho Aurora convida Marcela a provocar Dália quando se vale da terceira pessoa [ela] ao se referir a Dália. A resposta de Marcela: [^o você teve↑^o] (1.9) desfaz o enquadre de brincadeira. No momento em que Marcela topicaliza a seriedade da labirintite e não mais a brincadeira, na linha 9, há uma saída do enquadre da brincadeira para o enquadre “Isto é sério” que é aceita por Dália na linha 10.

Ao observar a organização sequencial deste segmento, percebemos que os pares adjacentes não são imediatos na sequência. Assim como Levinson (1983) também não acreditamos que esta seja uma característica fundamental dos pares adjacentes. Há, neste exemplo, uma interação com mais de duas pessoas o que parece dificultar a organização imediata dos pares. Podemos considerar que na linha 3 Marcela dá a segunda parte de dois pares adjacentes; [peguei de um de outro] é a segunda parte da linha 1: [você pegou de um e de outro↑] proferido por Dália e: [é: pessoa que tem

tempo pra isso] (1.3) é a segunda parte da linha 2: [pessoa que fica agora]sem [trabalhar] formando o par adjacente que marca o início do enquadre de brincadeira.

Percebemos a partir deste segmento que a relevância condicional parece mais essencial à constituição do par adjacente do que a sua adjacência. A aceitação da brincadeira e a filiação a este enquadre parecem funcionar como uma resposta condicionalmente relevante à primeira parte do par.

O fechamento do enquadre de brincadeira é marcado por um par adjacente do tipo pergunta / resposta. A fala mais baixa em comparação ao restante da interação marca a saída do enquadre de brincadeira e também a entrada no enquadre “Isto é sério”.

Sabemos que uma provocação pode causar embaraço ou conflito na comunicação, mas percebemos, através da análise deste segmento, que num ambiente onde todos os participantes aceitam e aderem ao enquadre como um enquadre de brincadeira, ela pode ser compartilhada por todos e contribuir para um maior envolvimento do grupo.

Vimos que a provocação evidencia uma maior intimidade entre os participantes do grupo ao mesmo tempo em que a sua aceitação possibilita mais liberdade na interação. Os participantes podem trazer assuntos que não trariam se estivessem num enquadre diferente.

Vimos também que o fechamento do enquadre de brincadeira que é aceito por todos marca o momento em que a provocação chega ao fim para todos os participantes. Mesmo na saída do enquadre de brincadeira, o consenso ao qual se chega na interação evidencia a afinação entre os participantes e a consciência de seus papéis sociais naquela interação.

No segundo segmento analisado, ainda com as mesmas participantes, Dália, que trabalha em um posto de saúde, é perguntada sobre a dengue;

Segmento (2) - “[**você tá lá no meio**] da dengue↑”

Participantes: Marcela, Dália e Aurora

1	Marcela	[você tá lá no meio] da dengue↑(marcela faz expressão de nojo)
2	Dália	eu tô[no meio da dengue] mas eu não tenho NADA a ver com a
3		dengue porque eu sou fonodióloga hahah
4	Marcela	[>tem muita dengue↑<] hahah
5	Aurora	[você tá] com dificuldade de falar por causa da DENGUE↑você ta
6		com dificuldade de [se expressar por] causa da dengue↑
7	Dália	[quem tem-] quem tem a ver com a dengue é PEDIATRA
8	Marcela	Entendi
9	Aurora	é só criança né↑

Quadro 2

Marcela inicia o enquadre de brincadeira com uma provocação direcionada à Dália: [você tá lá no meio] da dengue↑(marcela faz expressão de nojo)] (1.1). Nesta provocação, tanto as marcas linguísticas como as extralinguísticas apontam para uma interpretação debochada e carregada de ironia. Uma doença, mesmo que não contagiosa, é rejeitada pelo grupo e marca a repulsa ao participante do grupo que está relacionado a ela. Ao perguntar se uma pessoa está no meio de uma doença, Marcela estabelece esta repulsa que é associada à Dália, dando início assim ao enquadre de brincadeira, que funciona aqui como um enquadre em que este tipo de repulsa pode ocorrer sem que esta provocação seja interpretada como uma ameaça ou crítica.

Extralinguisticamente, vimos que a expressão de Marcela na linha 1 é a imagem caricaturada da repulsa. A caricatura gera o riso, pois, funciona como humor por trabalhar em consonância com o absurdo. A imitação exagerada das características marcantes de uma pessoa gera o absurdo e este, associado ao humano, gera o riso e, assim, auxilia na metagem “isto é brincadeira”.

Nas linhas 2 e 3: [eu tô[no meio da dengue] mas eu não tenho NADA a ver com a dengue porque eu sou fonodióloga hahah] Dália entra no enquadre proposto por Marcela e mantém a brincadeira ao zombar da pergunta de Marcela. Dália explica, já rindo, que está no meio da dengue, mas não tem nada a ver com ela por ser fonoaudióloga.

Apesar de Dália e Marcela estarem falando simultaneamente nas linhas 2, 3 e 4, depois de reconhecer na linha 3 o alinhamento à brincadeira feito por Dália, Marcela se alinha a ela também e ri na linha 4: [>tem muita dengue↑<] hahah], mantendo assim o enquadre proposto. Em seguida, Aurora, a terceira participante,

entra no enquadre estendendo a graça e chamando atenção para a quebra de expectativa presente entre a fonoaudiologia e a dengue nas linhas 5 e 6: [você tá] com dificuldade de falar por causa da DENGUE↑[você ta com dificuldade de [se expressar por] causa da dengue↑]. O enquadre é desfeito quando Dália (1.7) explica que quem tem a ver com a dengue no posto de saúde é pediatra.

O par adjacente que estabelece o início do enquadre de brincadeira neste segmento é do tipo pergunta e resposta despreferida²¹, sendo a primeira parte do par proposta por Marcela: [você tá lá no meio] da dengue↑(marcela faz expressão de nojo)] (1.1) e a segunda por Dália: [eu tô[no meio da dengue] mas eu não tenho NADA a ver com a dengue porque eu sou fonodióloga hahah] (L.2 e 3).

O fechamento do enquadre de brincadeira é feito pela participante/objeto do humor na interação, Dália. Neste momento existe a necessidade de informar aos outros participantes o que acontece de fato no posto de saúde e, para isso, Dália fecha o enquadre de brincadeira ao explicar. Este fechamento também acontece com um par adjacente, desta vez este par tem duas segundas partes talvez por se tratar de uma interação com três pessoas. [quem tem-] quem tem a ver com a dengue é PEDIATRA] (1.7) é a primeira parte do par e [entendi] (1.8) e [é só criança né↑] (1.9) são as segundas partes que marcam a relevância condicional para aquela primeira parte do par e que mantém a volta ao enquadre “Isto é sério”.

Neste segmento também existe liberdade interacional entre os participantes, mas não necessariamente em relação ao tópico abordado e sim a como este tópico entra na interação. O enquadre da brincadeira dá a esse tópico um tratamento leve e coerente com a interação entre os amigos. Acreditamos que quando este enquadre é proposto e aceito, as barreiras sociais, mesmo numa interação simétrica entre amigos, cedem para dar espaço a trocas interacionais menos regradas por normas sociais. E, quando este enquadre chega ao fim, através de um consenso, os papéis sociais marcados pelas regras sociais se estabelecem novamente. Dália, a fonoaudióloga, explica às amigas “leigas” o que se passa com a dengue no posto de saúde.

²¹ A organização de preferência será discutida na seção 5.2

5.1.2. A não aceitação do enquadre de brincadeira

O próximo segmento analisado é uma amostra de que algumas vezes o enquadre de brincadeira é proposto, mas não aceito. Ainda com as mesmas participantes, neste momento da interação Dália deixa cair azeite na calça e, como estão na casa de Marcela, esta oferece a ela um álcool para limpar a calça.

Segmento (3) – “**TALquinho**↑”

Participantes: Marcela, Dália e Aurora

1	Marcela	[quer um alquinho]aqui ↑
2	Dália	será que eu ponho↑
3	Aurora	é [muita criança né↑]
4	Marcela	[eu faço isso] por você se você quiser
5	Dália	não sabe o que que é [melhor↑ um talquinho
6	Marcela	TALquinho↑
7	Aurora	[é> talco que tira a gordura<]
8	Dália	[é]que aí você põe o talco o talco absorve [a gordura e depois] você
9		passa uma escovinha
10	Aurora	[absorve e puxa]
11	Aurora	quando cair vinho também você põe sa:l
12	Marcela	então você espera umas três horas que eu vou descobrir [onde é que
13		tem talco hahah]
14	Dália	
15		[NÃO[num [precisa:]
16	Aurora	[é porque
17		talco a gente não tem mais talco em casa]
18	Marcela	[não↓ é bom é bom]
19	Dália	[não precisa não precisa]

Quadro 3

Este segmento começa com um par adjacente que não vem imediatamente na sequência. A segunda parte do par iniciado por Marcela: [quer um alquinho]aqui ↑] (l.1) está na linha 5, onde Dália nega o oferecimento de álcool para limpar a mancha de azeite: [não sabe o que que é [melhor↑ um talquinho]. Ao mesmo tempo em que responde a pergunta de Marcela, Dália inicia outro par adjacente indiretamente pedindo a Marcela um talco. Marcela, ao aumentar o tom de voz na primeira sílaba da palavra na linha 6: [TALquinho↑] chama atenção para a surpresa quanto ao que lhe

foi pedido. Aurora ajuda a justificar o pedido de Dália ao explicar que talco tira gordura na linha 7: [é> talco que tira a gordura<]. Nas linhas 8 e 9: [é]que aí você põe o talco o talco absorve [a gordura e depois] você passa uma escovinha] Dália continua a explicação de Aurora validando ainda mais o seu pedido feito na linha 5. Vale mencionar aqui que a diferença de idade das participantes é, em parte, responsável pela necessidade de explicação e justificativa quanto ao uso do talco. Dália tem 55 anos, Aurora 41 e Marcela 30. Dessa forma, entendemos que os esquemas de conhecimento das participantes são diferentes, pois para Dália e Aurora é fato que o talco é um elemento que tira gorduras, já para Marcela não é. Esta discrepância entre esquemas de conhecimento pode levar à mudança de um enquadre ou a não aceitação deste.

Percebemos que se inicia, então, um enquadre diferente onde as participantes falam sobre os produtos que usam para limpar manchas. Nas linhas 12 e 13: [então você espera umas três horas que eu vou descobrir [onde é que tem talco hahah] Marcela volta a falar do talco sugerindo que este é um produto difícil de encontrar na sua casa, zombando assim de Dália que o pede em primeiro lugar. Neste momento, mesmo com o riso que pretendia marcar um início de enquadre de brincadeira na linha 13, Dália não entra no enquadre: [NÃO [num [precisa:] (1.14) e entende a fala de Marcela literalmente, dizendo a ela que não é necessário que procure o talco. Dália parece entender que será muito trabalhoso para Marcela encontrar o talco e por isso dá ênfase no primeiro [NÃO] de sua fala, protegendo a sua face, deixando claro que ela não quer ser responsável pelo trabalho que causará à amiga.

A co-construção do humor não acontece neste segmento, pois apesar de ser proposto por uma participante, o enquadre de brincadeira não é aceito pelas outras. A interação continua com Aurora que parece assumir uma posição conciliatória entre Marcela e Dália, quando justifica a fala de Marcela, explicando que ninguém mais, nos dias de hoje, tem talco em casa: [é porque talco a gente não tem mais talco em casa] (1.15 e 16).

A não aceitação do enquadre de brincadeira neste segmento causa um conflito que é desfeito nos últimos turnos do trecho onde as participantes envolvidas, Marcela e Dália, têm falas sobrepostas que pretendem estabelecer a volta ao enquadre “Isto é

sério” e a saída do conflito. Ao dizer que é bom, na linha 17, Marcela tenta validar o pedido de Dália, pedido este que anteriormente havia sido alvo de zombaria, justificando que a amiga tinha motivos para pedir o talco. Dália, por sua vez, valida a dificuldade de encontrar um talco, estabelecendo que não é necessário.

5.1.3. Enquadres superpostos

Adotamos o termo “blended frames” sugerido por Gordon (2008) para identificar o momento em que o enquadre de brincadeira se mistura a outro intencionalmente, pois, acreditamos que aqui também exista uma sobreposição de camadas de enquadre intencional onde a brincadeira funciona como estratégia utilizada pelos falantes para alcançar outros objetivos.

O segmento analisado trata-se de um momento em que Marcela quer que Guga traga um copo de cerveja para ela. É importante lembrar que Marcela e Guga são casados e que o encontro se passa na casa dos dois.

Segmento (9) – “[**princinho, você é meu mari-maridinho**↑”

Participantes: Marcela, Aurora, Guga, Dália e Marco

1	Marcela	princinho, você é meu mari-maridinho↑ (.) dono da casa bonitinho
2		manda- dono do lar que cuida de tudo↑
3	Aurora	i:: já vi que vai pedir ALguma coisa
4	Marco	[nessas horas eu sou uma visita]
5	Guga	[sou↓ você é meu-minha lilin] dona de casa↑
6	Aurora	Hahah
7	Marcela	pe:::ga uma cervejinha para sua mulherzi:::nha, meu maridinho↑
8	Guga	AH sabia↓ eu estava pensando em pedir a mes-isso MESMO para
9		a minha mulherzinha
10	Aurora	gente EU vou la pegar cerveja
11	Dalia	[eu também quero]
12	Marco	[traz pra mim]

Quadro 4

O segmento se inicia com a tentativa de Marcela de estabelecer o papel de Guga como [princinho], [maridinho], [dono do lar] e [que cuida de tudo]. A partir destas escolhas lexicais Marcela parece preparar um enquadre que coloca Guga como o marido perfeito que cuida de tudo na casa. Neste enquadre seria padrão que Guga trouxesse uma cerveja para ela.

É interessante perceber que antes mesmo de haver uma resposta à tentativa de estabelecimento desta enquadre, Aurora e Marco identificam uma lâmina abaixo do enquadre pretendido por Marcela, Aurora no turno imediatamente seguinte: [i:: já vi que vai pedir ALguma coisa] (l.3). E Marco abaixo: [nessas horas eu sou uma visita] (l. 4). Aurora percebe que a entrada no enquadre de casal proposta por Marcela é apenas uma lâmina que envolve o pedido que virá logo em seguida e anuncia isso no seu turno, já Marco parece ir além. Marco dá a Guga uma sugestão de como responder a pergunta de Marcela e, a partir dela, não entrar no enquadre proposto por Marcela.

A resposta de Guga que vem no turno seguinte sobreposta ao turno de Marco indica que ele não ouviu a sugestão de Marco. Guga parece perceber que se trata de um enquadre de brincadeira que figuraria como lâmina para um pedido, mas, a princípio, opta por entrar no enquadre sem esclarecer que já sabe que se trata de uma estratégia para um pedido: [sou↓ você é meu-minha lili] dona de casa↑] (l.5). Guga não só entra no enquadre como parece querer mantê-lo a partir da forma como se refere à Marcela: [dona de casa] (l.5). Esta manutenção feita por Guga confirma a sua entrada no enquadre e, ao mesmo tempo, confere a ele o papel de marido da dona de casa, o que pode indicar que Guga pretende inverter os papéis com Marcela. Socialmente, no lugar de marido da dona de casa é ele quem é servido e, talvez por isso ele estenda a idéia de que Marcela é a dona de casa, preparando a interação para o seu pedido.

Outra confirmação dada por Guga de que já havia identificado a proposta de Marcela se evidencia na linha 8: [AH sabia↓] depois que Marcela faz o pedido de fato na linha 7: [pe:::ga uma cervejinha para sua mulherzi::nha, meu maridinho↑]. É interessante perceber que nesta elocução Guga ratifica o enquadre de casal proposto

por Marcela quando usa [minha mulherzinha] e faz, agora mais claramente, a inversão de papéis com Marcela, tentando alcançar o seu objetivo.

Apesar de conseguirem que Aurora se disponibilize para pegar as cervejas: [gente EU vou la pegar cerveja] (l.10), percebemos que nenhum dos dois – Marcela ou Guga – são bem sucedidos em relação aos seus pedidos. Ambos imprimem um enquadre de brincadeira ao pedido subsequente, mas o objetivo de ter a cerveja entregue pelo outro não é alcançado. Acreditamos que este resultado se dê devido à capacidade dos dois de identificarem as estratégias manipulativas de laminação de enquadres.

Como Gordon (2008) trabalha com dados de conversas entre pais e filhos os “blended frames” identificados por ela não parecem ser compartilhados entre pais e crianças, no nosso caso, no entanto, lidamos com adultos que estão cientes das suas capacidades de manipularem enquadres, portanto, os objetivos maquiados pela presença do humor não são tão facilmente alcançados.

5.2. A organização de preferência

Nesta seção, para analisar a questão da organização de preferência, partimos da perspectiva da análise da Conversa proposta por Sacks, Schegloff e Jefferson (1973) e retomada por Ronald Boyle (2000). Apesar de não ser nosso objetivo trabalhar com uma taxonomia do humor, percebemos que a análise da organização de preferência seria mais facilmente identificada em momentos de humor direcionados a outros participantes da interação que entendemos como provocações, por isso, nos atemos a estes momentos.

Identificamos a maioria das provocações como despreferidas por serem *percebidas*, *reportáveis*, algumas vezes *sancionáveis* e outras não. Consideramos que a preferência é um conceito que se identifica a partir das duas partes de um par adjacente: No caso da provocação, tanto a provocação em si quanto a resposta dada por aquele a quem a provocação é dirigida. Na análise, identificamos provocações como despreferidas e *sancionáveis* ou despreferidas e *não sancionáveis*. Encontramos

também, dois únicos momentos que não nos permitem identificar a preferência por terem o silêncio na segunda parte do par adjacente.

Previamente, é necessário que se entenda o termo aqui traduzido como *sancionável*. O termo original *sanctionable* em inglês tem duas definições ironicamente controversas. Ao mesmo tempo em que *sanction* é definido como uma permissão ou aprovação a uma ação, também é uma correção, uma pena específica ou na forma de pressão moral. (websters.com). *Sanctionable* é, portanto, aquilo que é merecedor ou suscetível de ser sancionado. Entendendo que a idéia de Ronald Boyle é segunda definição de *sanction* exposta, um ato despreferido sancionável é aquele que é suscetível a correções e penas²².

5.2.1. Provação despreferida – *percebida, reportável e sancionável e não sancionável*

5.2.1.1. Segmento *percebido, reportável e sancionável*

Iniciamos com o segmento (1) sequência (1):

Segmento (1) sequência (1) – “[**pessoa que fica agora**] **sem [trabalhar]**”
Participantes: Dália, Aurora e Marcela

²² Ronald Boyle identifica que quando um falante faz um ato despreferido, revelando sua incapacidade de proferir uma sequência preferida, aquele ato é, na maioria das vezes, não sancionável, ou seja, a incapacidade funciona como uma justificativa e a crítica ou pena é suspensa. Por outro lado, quando o ato despreferido evidencia a relutância ao proferimento de um ato preferido, este é sancionável, sendo suscetível a correções e penas.

1	Dália	[A:DO]RO essas cores [você pegou de um e de outro↑]
2	Aurora	[pessoa que fica agora] sem
3		[trabalhar]
4	Marcela	[peguei de um de outro][é: pessoa que tem tempo pra isso]
5	Dália	[tá LINDO:] ah eu vou ficar sem trabalhar também:m

Quadro 5

A provocação iniciada por Aurora nas linhas 2 e 3: [pessoa que fica agora] sem [trabalhar] tem como resposta o enunciado de Marcela: [é: pessoa que tem tempo pra isso] (1.4). Trata-se de um segmento *percebido*, *reportável* e *sancionável*, portanto, despreferido. Caracterizamos esta provocação como despreferida por se tratar de um enunciado que, em primeira instância, analisado em conjunto com a sua segunda parte, evidencia uma quebra na expectativa dos participantes envolvidos na interação, marcada pela provocação que se segue a um elogio na linha 1: [A:DO]RO essas cores].

A provocação é *percebida* pelos demais participantes, pois Marcela percebe a intenção provocativa e se alinha a ela, se auto provocando na linha 4: [é: pessoa que tem tempo pra isso]. Identificamos como *reportável* por Aurora, pois, ela não diz simplesmente que Marcela é desocupada, ela explica que agora que Marcela não precisa mais trabalhar ela tem tempo suficiente para ficar em casa fazendo arranjos de flores. E, a princípio, parece *não sancionável*, pois, Marcela se mostra alinhada à provocação de Aurora, utilizando-se, inclusive, da repetição para evidenciar este envolvimento que desencadeia a aceitação do enquadre de brincadeira. No entanto, percebemos que nas linhas 7 e 8: [peraí mas eu não fico sem trabalhar] completamente] Marcela retoma a provocação de Aurora e parece criticá-la por isso, dizendo que Aurora não está correta, ela recrimina e, portanto, sanciona a provocação.

5.2.1.2.

O par adjacente provocação/silêncio

Segmento (1) sequência (2) – “>você trabalha uma vez por semana<”

Participantes: Aurora, Marcela e Dália

6	Aurora	vem cá >você trabalha uma vez por semana<[e tem LABIRINTITE não e-]
7	Marcela	[perai mas eu não fico
8		sem trabalhar] completamente]
9	Aurora	e ela tem labirintite [no dia que ela trabalha] ela [só trabalha] sexta
10	Marcela	[^o você teve↑ ^o]
11	Dália	[^o é ^o]

Quadro 6

Na sequência seguinte, que se inicia com o turno de Aurora, a provocação é direcionada à Dália. Aurora provoca Dália ao dizer que ela trabalha pouco e, quando trabalha tem labirintite, ou seja, quando precisa ir trabalhar não vai: [vem cá >você trabalha uma vez por semana<[e tem LABIRINTITE não e-]. (1.6). Dália não responde à provocação de Aurora, e, gera o par adjacente provocação/silêncio que é ambíguo. O silêncio como segunda parte de um par adjacente pode tanto ser visto como um ato despreferido quanto preferido. Despreferido, pois quebra a expectativa do provocador que pretendia causar algum embaraço com a sua provocação e preferido porque o ouvinte parece acatar o que foi dito pelo provocador, sem questionar a validade/reportabilidade daquela provocação. A ambiguidade do silêncio não nos possibilita identificar este como um ato preferido ou despreferido, no entanto, se considerarmos este como despreferido, entendemos que trata-se de um ato não sancionável, pois, Dália não questiona a provocação e não parece manter o enquadre de brincadeira.

5.2.1.3.

Ato despreferido não sancionável

Segmento (7) – “[essa gente antenada] com a moda”

Participantes: Dália, Marcela e Aurora

1	Dalia	agora ela [cantando nara leão]é mu::ito legal eu vi naqueles desfiles da
2		fashion week tem uma delas que fez [tocar lá]
3	Marcela	[mas eu gosto dela]
4	Aurora	[essa gente antenada] com a
5		[moda () fashion week] você foi em quais defile-desfiles↑]
6	Marcela	[é
7		no:ssa]eu tô te achando ótima↓
8	Dalia	tá me achando o que↑ eu sou ÓTEMA [hahah]
9	Marcela	[hahah]

Quadro 7

Ainda analisando a provocação como primeira parte de pares adjacentes que inauguram um enquadre de brincadeira, partimos para outro par adjacente selecionado que ocorre quando Aurora provoca Dália dizendo que ela é antenada com a moda e a faz parecer metida, dando a impressão que pretende se destacar do grupo: [essa gente antenada] com a [moda () fashion week] você foi em quais defile-desfiles↑] (1.4,5). Este enunciado é entendido como provocativo por conta do compartilhamento de esquemas de conhecimento das participantes envolvidas na interação. Sabe-se que Dália não frequenta o mundo *fashion* e que ela não é antenada com a moda, portanto, a ironia, que é recebida como uma quebra de expectativa faz com que este seja um enunciado *percebido*. A característica da reportabilidade dos segmentos despreferidos se mostra presente no momento da provocação de Aurora nas linhas 4 e 5. Aurora diz que Dália está se comportando diferentemente do seu normal quando parece saber o que se passa no mundo *fashion*, e, a provocação acrescida de uma explicação e da pergunta [você foi em quais desfiles?] (1.5) estabelecem esta reportabilidade comum aos segmentos despreferidos. Marcela se alinha a Aurora, entrando no enquadre de brincadeira e contribuindo com uma provocação a Dália: [é no:ssa]eu tô te achando ótima↓] (1. 6 e 7). Portanto, as provocações de Aurora e Marcela formam juntas a primeira parte do par adjacente

que tem a resposta de Dália como segunda parte: [tá me achando o que↑ eu sou ÓTEMA [hahah] (1.8).

Quanto à sancionabilidade, acreditamos que, contrariamente ao primeiro segmento analisado, trata-se de um segmento que, a princípio, parece *sancionável*, pois Dália inicia a sua resposta corrigindo a reportabilidade impressa no enunciado de Marcela: [tá me achando o que↑] (1.8), mas, em seguida, percebemos que, respondendo a provocação de Marcela e não a de Aurora, Dália se mostra alinhada as duas participantes que a provocaram, concordando com o fato de ser ótima: [eu sou ÓTEMA [hahah] (1.8), estabelecendo este como um ato despreferido *não sancionável*.

Segmento (2) – “[**você tá lá no meio] da dengue↑”**

Participantes: Marcela, Dália e Aurora

1	Marcela	[você tá lá no meio] da dengue↑(marcela faz expressão de nojo)
2	Dália	eu tô[no meio da dengue] mas eu não tenho NADA a ver com a
3		dengue porque eu sou fonodíloga hahah
4	Marcela	[>tem muita dengue↑<] hahah

Quadro 8

No momento em que Marcela pergunta a Dália sobre a dengue: [você tá lá no meio] da dengue] (1.1), a organização de preferência também parece apontar para um ato despreferido *sancionável*. Marcela provoca Dália com a sua pergunta que é *percebida* por ela como uma provocação, esta percepção se mostra na repetição feita por Dália que, a princípio, concorda com a provocação de Marcela repetindo o seu enunciado e, conseqüentemente, aumentando o grau de envolvimento: [eu to [no meio da dengue] (1.2), mas, em seguida, quando está justificando/reportando a sua resposta preferida parece criticar a provocação de Marcela: [mas eu não tenho NADA a ver com a dengue porque eu sou fonoaudióloga hahah] (1.2 e 3). O enunciado de Dália quebra a expectativa de Marcela e pode funcionar como uma contra-provocação a ela.

5.2.1.4.

Resposta despreferida

Segmento (8) – “o que que faz tua cabe:ça↑”

Participantes: Aurora, Guga, Marco, Dália, Marcela e Jamil

1	Aurora	[não rod stewart faz minha
2		cabeça cantando aquela-aquele cd que a gente gosta
3	Guga	é o [antigo
4	Aurora	[agora ele ta can-o show dele é cantando ROck↓
5	Marco	o que que faz tua cabe:ça↑
6	Aurora	minha cabe:ça↑ (.)
7	Dália	o cabelo dela e o resto que vem com ele hahah
8	Marcela	Hahah
9	Marco	HAHAH (debochado) quantos anos você tem mesmo ô::↑
10	Dália	ô o que↑vê lá ein[hahah]
11	Aurora	[ah eu gostava dele] antigamente
12	Marcela	[hahah]
13	Guga	[hahah]
14	Jamil	[hahah]
15	Marco	é: rod stewart não ta com nada-tá velho né↑

Quadro 9

Passamos agora para um enquadre de brincadeira que se inicia, não a partir de uma provocação na primeira parte do par adjacente, mas sim, a partir de uma resposta despreferida. Na linha 5 Marco faz uma pergunta que, em princípio, não parece ser provocativa, não implicando nenhum tipo de ironia: [Marco: o que que faz tua cabe:ça↑]. Apesar da pergunta ser dirigida a Aurora, Dália assume o piso conversacional e, através da resposta debocha a pergunta de Marco abre o enquadre de brincadeira e evidencia a provocação feita a ele: [Dália: o cabelo dela e o resto que vem com ele hahah] (l.7). Neste par, é necessário que se leve em conta que Marco e Dália são casados e, talvez por isso este segmento se mostre um pouco mais provocativo e agressivo do que os demais. Entendemos que numa interação entre interagentes mais íntimos a provocação pode ser mais direta e, conseqüentemente, mais agressiva.

Neste segmento, identificamos também as características de uma seqüência despreferida. A provocação de Dália é *percebida*, Marco responde a ela

agressivamente, o que denota a quebra de expectativa experimentada por ele; é também *reportável*, pois, apesar de provocar Marco ironizando a sua pergunta inicial, Dália se vale de elementos que esclarecem que aquela provocação tem o intuito de divertir os participantes, o riso é um deles; e é *sancionável*, pois, a resposta de Marco não demonstra alinhamento à provocação de Dália. Ao contrário, a contra-provocação de Marco funciona como quebra ainda maior de expectativa, podendo servir como uma nova provocação que dá início a um novo par adjacente, que tem como segunda parte a resposta de Dália na linha 10: [ô o que↑vê lá ein[hahah]. Desta forma, por conta da sequencialidade identificada neste segmento, as quebras de expectativa se mostram ainda mais forte do que as demais analisadas e o enquadre de brincadeira parece funcionar como atenuante para uma possível situação embaraçosa.

Segmento (3) – “TALquinho↑”

Participantes: Marcela, Aurora e Dália

6	Marcela	TALquinho↑
7	Aurora	[é> talco que tira a gordura<]
8	Dália	[é]que aí você põe o talco o talco absorve [a gordura e depois] você
9		passa uma escovinha
10	Aurora	[absorve e puxa]
11	Aurora	quando cair vinho também você põe sa:l
12	Marcela	então você espera umas três horas que eu vou descobrir [onde é que
13		tem talco hahah]
14	Dália	
15		[NÃO[num [precisa:]
16	Aurora	[é porque
17		talco a gente não tem mais talco em casa]
18	Marcela	[não↓ é bom é bom]
19	Dália	[não precisa não precisa]

Quadro 10

Outro momento que é diretamente *sancionável* em segmentos despreferidos é quando há uma tentativa de enquadre de brincadeira, mas ele não se estabelece na interação. Trata-se do segmento em que Dália deixa cair azeite na sua calça e Marcela, a dona da casa, se oferece para trazer um [alquinho]. Neste segmento, como já analisamos anteriormente, Marcela tenta estabelecer uma brincadeira quando diz

que levaria [3 horas] para conseguir encontrar o talco que é pedido por Dália: [então você espera umas três horas que eu vou descobrir [onde é que tem talco hahah] (l.12 e 13). Entendemos que se trata de uma provocação, pois, a contribuição de Marcela implica que o pedido de Dália é questionável e dá espaço à brincadeira e ao deboche. Vemos que este é um enunciado *percebido*, pois, ele quebra a expectativa de Dália que responde prontamente contrária à provocação: [[NÃO [num [precisa:] (l.14), é também *reportável*, porque Marcela parece explicar a crítica ao pedido de Dália na explicação de que encontrar o talco levaria [3 horas], e, parece *sancionável*, porque Dália não aceita aquele enunciado como uma provocação, defendendo-se dele ao tentar demonstrar que a intenção dela não era a de dar trabalho a Marcela. A partir daí, Marcela trata de se alinhar ao primeiro pedido de Dália, sendo completamente contrária ao que havia dito posteriormente: [não↓ é bom é bom] (l. 18). Dália não permite que a brincadeira se estabeleça, ao contrário, cria uma nova quebra de expectativa em Marcela que é percebida como um momento conflituoso.

É tentador estabelecer como resultado de análise que segmentos *sancionáveis* não favorecem o enquadre de brincadeira, mas, não é possível, pois vimos exemplos em que o enquadre de brincadeira se co-constrói mesmo a partir de segmentos *sancionáveis* (como no segmento analisado de Dália e Marco). Percebemos, no entanto, que as respostas diretamente *sancionáveis* implicam em uma segunda quebra de expectativa que pode funcionar como uma contraprovação como no segmento analisado de Marco e Dália. Estes segmentos parecem criar um desconforto na interação, mesmo quando há uma aceitação e alinhamento ao enquadre de brincadeira, e estes desconfortos parecem evidenciar que a provocação está intimamente relacionada à crítica. Dependendo das relações entre os envolvidos, percebidas pelo grau de envolvimento, estas críticas podem ser mais ou menos agressivas.

Através da análise destes segmentos, percebemos que o humor direcionado a um dos participantes do grupo se origina de uma provocação que consideramos despreferida, pois, marca a não expectativa da elocução de humor e gera, conseqüentemente, o riso - ou a graça - dando início a um enquadre de brincadeira que pode ou não ser aceito pelo restante do grupo.

5.3. Estratégias de envolvimento

5.3.1. Estratégias de envolvimento – o humor direcionado a participantes da interação

Nestes segmentos, como o objeto do humor está imerso na interação, ou seja, é um dos participantes da interação, as pistas de contextualização parecem operar ainda mais fortemente, pois dizem respeito, principalmente, à relação entre os participantes.

5.3.1.1. As imagens

As estratégias de envolvimento presentes no humor que tem como foco um participante da interação parecem evidenciar a característica provocativa destes enquadres. Ao contrário de um enunciado genérico e abstrato, as imagens e detalhes operam dando forma e detalhe à provocação.

As imagens retratam de forma provocativa um participante da interação no momento em que Dália diz ter ouvido Nara Leão cantada por Fernanda Takai num desfile da *fashion week*.

Segmento (7) – “[**essa gente antenada**] **com a moda**”
Participantes: Dália, Marcela e Aurora

1	Dalia	agora ela [cantando nara leão]é mu::ito legal eu vi naqueles desfiles da
2		fashion week tem uma delas que fez [tocar lá]
3	Marcela	[mas eu gosto dela]
4	Aurora	[essa gente antenada] com a
5		[moda ()fashion week] você foi em quais defile-desfiles↑]
6	Marcela	[é
7		no:ssa]eu tô te achando ótima↓
8	Dalia	tá me achando o que↑ eu sou ÓTEMA [hahah]
9	Marcela	[hahah]
10	Dalia	eu sou muito IN você sabe eu freqüento mesmo TODAS AS ALTAS
11		PARADAS
12	Aurora	é percebe-se pelo seu vocabulário ALTAS paradas é bem[ATUAL
		hahah]
13	Marcela	[hahah
		jovial]
14	Dalia	[hahah tipo]
15		modelete- o que↑eu sou atriz modelo e manequim vocês não sabiam↑
16	Aurora	olha aqui (.) vamos combinar de ir ao show↑
17	Marcela	que show- vai rolar↑
18	Aurora	pat-fernanda takai vai↓
19	Marcela	quando é você sabe↑

Quadro 11

Aurora e Marcela iniciam a provocação retratando Dália como [essa gente antenada com a moda] (1.4) e [tô te achando ótima] (1.6). A imagem gera o humor por tratar de uma quebra de expectativa entre as participantes. Aurora e Marcela sabem que Dália não é antenada com a moda e a imagem dela entre a [gente] [ótima] antenada com a moda é o que desencadeia o enquadre de brincadeira. Dália se auto provoca também a partir das imagens que retratam a ela mesma nas linhas 7 e 9 e 10: [eu sou ÓTEMA] [eu sou muito IN] [eu freqüento as ALTAS PARADAS]. O humor se mantém neste momento porque Marcela e Aurora, que já haviam esclarecido fazer parte do enquadre de brincadeira, se valem das imagens enunciadas por Dália para co-construir uma imagem mental de Dália entre o grupo de pessoas antenadas com a moda que participam do *fashion rio*.

É interessante perceber neste segmento que não são somente esquemas de conhecimento compartilhados pelas participantes que possibilitam o humor. Percebemos que as imagens enunciadas evidenciam um exagero na elaboração de um “tipo” social – o freqüentador “antenado” do *fashion rio*. Se visto pela perspectiva

social, o humor neste trecho parece funcionar também como uma imagem debochada de um grupo de pessoas do qual as participantes não fazem parte. Temos aí, portanto, um exemplo de humor que funciona, a partir das imagens enunciadas pelas participantes, como uma estratégia de envolvimento que envolve as participantes ao seu próprio grupo e, ao mesmo tempo, delimita o grupo a qual elas pertencem.

No segmento (2) a provocação é iniciada por Marcela na linha 1: [você tá lá no meio] da dengue↑].

Segmento (2) – “[você tá lá no meio] da dengue↑”

Participantes: Marcela, Dália e Aurora

1	Marcela	[você tá lá no meio] da dengue↑(marcela faz expressão de nojo)
2	Dália	eu tô[no meio da dengue] mas eu não tenho NADA a ver com a
3		dengue porque eu sou fonodióloga hahah
4	Marcela	[>tem muita dengue↑<] hahah
5	Aurora	[você tá] com dificuldade de falar por causa da DENGUE↑você ta
6		com dificuldade de [se expressar por] causa da dengue↑
7	Dália	[quem tem-] quem tem a ver com a dengue é PEDIATRA
8	Marcela	Entendi
9	Aurora	é só criança né↑

Quadro 12

Este segmento é marcado pela imagem extralinguística de Marcela com expressão de nojo no rosto. Esta imagem, auxiliada pelo enunciado da linha 1: [você tá lá no meio] da dengue↑, cria a metamensagem da brincadeira que parece ser uma das camadas do enquadre pretendido por Marcela. Acreditamos que ela quer saber se há muitos casos de dengue no posto de saúde em que Dália trabalha, mas percebemos que existe um enquadre de brincadeira a partir da forma como ela inicia a sua pergunta. Marcela poderia simplesmente ter perguntado se no posto de saúde onde Dália trabalha há muitos casos de dengue, mas, desta forma, o enquadre de provocação não seria bem sucedido e a brincadeira não teria entrado na interação.

A imagem proposta por Marcela é continuada por Dália quando esta se alinha ao enquadre proposto. Dália mantém a construção da imagem trazendo novos elementos que quebram ainda mais a expectativa dos seus interlocutores – uma fonoaudióloga trabalhando com casos de dengue. Esta imagem é intensificada por Aurora que constrói o dia a dia de uma fonoaudióloga tratando de um caso de dengue

nas linhas 5 e 6: [você tá] com dificuldade de falar por causa da DENGUE↑você ta com dificuldade de [se expressar por] causa da dengue↑].

Na análise deste segmento percebemos que as imagens que envolvem as participantes são diferentes do segmento anterior. Aqui, o humor também delimita e estabelece o grupo a qual as participantes pertencem, mas de outra forma. As contribuições com a imagem da fonoaudióloga tratando de um caso de dengue parecem evidenciar que as participantes conhecem o trabalho de uma fonoaudióloga e, portanto, conhecem o que Dália faz. Quando brincam construindo a imagem do que um fonoaudiólogo não faz, as participantes evidenciam um real conhecimento sobre aquilo que o fonoaudiólogo faz. E, dessa forma, alcançam o envolvimento pretendido a partir da co-construção dessa imagem.

No humor direcionado a participantes da interação as imagens parecem funcionar como estratégias de envolvimento de várias formas, ora estabelecendo o grupo ao qual os participantes pertencem, ora envolvendo os participantes entre si. Elas sustentam e dão veracidade à provocação, gerando envolvimento, mas sabemos que não são exclusivas no estabelecimento do humor, podendo funcionar no estabelecimento de outros tipos de enquadre.

5.3.1.2.

As repetições

As repetições em enquadres de brincadeira funcionando como provocação a participantes da interação também parecem funcionar como evidência de aceitação do enquadre e manutenção da brincadeira. Ao mesmo tempo, por serem automáticas, elas permitem que os participantes a quem a provocação se dirige utilizem a estrutura já pronta para que a conversa flua relativamente sem esforços (Tannen, 1989), tendo tempo, conseqüentemente, de formular uma resposta à provocação.

A repetição do mesmo campo semântico funciona como estratégia de envolvimento que parece aumentar ou acatar o enquadre de brincadeira no momento em que Aurora e Marcela provocam Dália quanto ao fato dela saber o que se passa no mundo *fashion*. Aqui as participantes “esticam” a brincadeira através das formas

[atual], [jovial], [tipo modelete], [atriz] e [manequim]. O envolvimento é gerado a partir da repetição – funcionando aqui como uma manutenção – da brincadeira.

Nas repetições as participantes demonstram também que compartilham informações, ou seja, contribuindo para um mesmo campo semântico elas delimitam este campo conjuntamente. Este movimento envolve as participantes entre si e também as envolve com o contexto, pois, a construção conjunta deste enquadre de brincadeira parece garantir a aceitação mútua pelo e no grupo.

Quando Dália é perguntada se está no meio da dengue: [Marcela: você tá lá no meio] da dengue↑ (1.1) ela parece acatar a provocação de Marcela, através da repetição de [no meio da dengue], mas trata de explicar o que ocorre no posto de saúde: [eu tô[no meio da dengue] mas eu não tenho NADA a ver com a dengue porque eu sou fonodíologa hahah]. Esta forma que se repete parece evidenciar o envolvimento entre as participantes na abertura de um enquadre de brincadeira. A repetição aqui, estabelece que a provocação foi aceita pela participante.

5.3.1.3.

O diálogo construído e colaborativo

Aurora traz para a interação a construção do diálogo como fala reportada no momento em que “imita” Dália trabalhando no posto de saúde. A partir do momento em que o enquadre de brincadeira já foi estabelecido por Dália e Marcela anteriormente – e já analisado na construção de imagens e repetições – Aurora entra no enquadre tomando o turno e trazendo uma forma hipotética e irônica de Dália, como fonoaudióloga, tratar de pacientes com dengue: [você tá] com dificuldade de falar por causa da DENGUE↑você ta com dificuldade de [se expressar por] causa da dengue↑[(1.5 e 6). Esta construção funciona como uma fala reportada que ganha voz na interação. Aurora imita Dália e parece, dessa forma, trazer para a interação um personagem que é construído pela imagem que ela tem de Dália no posto de saúde. Há aqui um grau de provocação na sua fala porém, esta provocação não parece estar apontada somente para Dália, mas para Marcela também que foi quem iniciou o enquadre perguntando se Dália estava [no meio da dengue]. A provocação de Aurora,

portanto, parece não só debochar de Dália no posto de saúde, como também questionar a validade da pergunta de Marcela.

Ao olhar para o diálogo colaborativo entendemos que este se forma a partir da contribuição de vários participantes na construção de uma idéia, imagem ou narrativa. Nos momentos de humor direcionado a participantes da interação é interessante notar como estas contribuições colaborativas estabelecem o envolvimento entre participantes e, conseqüentemente, segregam aqueles a quem o humor/deboche/provocação está direcionado. Há, portanto, um alinhamento entre participantes que motiva um distanciamento coletivo daquele que é o foco do humor.

Quando Dália fala do desfile *fashion week* que teve Fernanda Takai cantando músicas de Nara Leão, Aurora inicia a provocação nas linhas 4 e 5:[essa gente antenada] com a [moda ()fashion week] você foi em quais defile-desfiles↑] Marcela se alinha a ela ao trazer mais uma contribuição que também funcione como uma provocação à Dália: [é no:ssa]eu tô te achando ótima↓], estabelece-se, assim, o envolvimento das duas entre elas, das duas com a interação e, de certa forma, das duas com aquela que é o foco do humor – Dália. Esta última evidência de envolvimento se mostra presente por que entendemos que direcionar o humor a participantes da interação só é possível quando se tem intimidade, ou melhor, só é entendido como tal quando ambas as partes estão cientes de que aquela é uma interação aonde este tipo de provocação é apropriada.

Assim como as imagens, as repetições e o diálogo construído parecem funcionar no humor direcionado a participantes da interação como estratégias de envolvimento paradoxais. Elas aumentam o envolvimento ao mesmo tempo em que estabelecem a provocação. Entendemos que a metamsagem de intimidade é passível de ser a principal responsável pelo envolvimento alcançado a partir destas provocações.

5.3.2. Estratégias de Envolvimento – o humor direcionado a elementos externos à interação

O alto grau de envolvimento é uma das primeiras características observadas na análise desta interação entre amigos. O envolvimento é alcançado a partir de estratégias interacionais que são utilizadas e reconhecidas entre falantes. Nesta seção, analisamos as estratégias de envolvimento de que se valem os participantes desta interação no enquadre de brincadeira direcionada a elementos externos à interação.

5.3.2.1. As imagens

Uma das estratégias de envolvimento usada nas interações analisadas é o uso de imagens e detalhes na construção de uma narrativa. Ao contar uma história, os participantes constroem e compartilham imagens claras e precisas do tempo e espaço da narrativa de que se fala.

No segmento (5), no qual Aurora narra a sua primeira experiência com filmes de Woody Allen, percebemos que, através do uso de detalhes e imagens claras, ela é bem sucedida ao envolver as outras duas participantes e fazê-las, assim, construir o significado – e conseqüentemente gerar o humor - a partir de suas próprias imaginações.

Segmento (5) – **“ai eu tive horror a woody allen] durante mu:ito tempo”**
Participantes: Aurora, Dália e Marcela

1	Aurora	gente e eu confesso assim [a primeira vez que assisti woody allen] foi
2		(2.0) eu devia ter uns sEIs anos aniversário de uma amiga minha
3		naquela época não ti:nha: é: (2.0) é- mágico que você: contratava mas
4		o PAI dela sempre alugava FILME(.) pra você ver na festinha
5	Dalia	[desde o tempo que eu comecei a()]
6	Dalia	ah [que barato]
7	Aurora	[então tinha assim um monte]-é super oito >não sei que< e uma
8		pessoa botava lá >não sei se era super oito também não< tô chutando
9	Marcela	mas não tinha vhs↑
10	Aurora	não tinha NADA né↑(.) >não não tinha nada< não sou da [época de
11		vhs] não↓
12	Marcela	[nem vhs↑]
13	Aurora	ai: eu- eu sou da época de super oito eu tinha filminhos super oito(.) aí
14		ele alugou o filme achando que era uma [grande comédia] e era
15		woody allen que era um que ele sai da prisão que [é antiqüíssimo
16		aquelas crianças todas olhando praquilo sem entender <u>PORRA</u>
17		nenhuma >cara< hahah sem entender nada hahah >é muito bom< ai eu
18		tive horror a woody allen] durante mu:ito tempo
19	Marcela	[hahah]
20	Dalia	[ah hahah]
21	Marcela	[hahah ^o gente muito bom isso ^o
22		ele não parou o filme no meio↑]
23	Dalia	[lógico na idade errada né↑]
24	Marcela	[não traumatizou totalmente]
25	Aurora	mu:ito tempo eu achava woody allen muito ruim eu não conseguia
26		assistir woody allen >não era assim< não acho ruim eu não consigo
27	Dalia	assistir
28	Dalia	eu acho que eu não entendia o humor dele entendeu↑não entendia
29	Marcela	[depois] é que comecei a: [é (
30	Aurora)]
31	Dalia	[imagina aos seis anos hahah]
32	Dalia	[é comecei a:]
33	Marcela	ficar mais refinada
34	Dalia	é:
35	Marcela	que [ele é refinado]
36	Aurora	[é muito] SUTIL é muito (.) você [tem dúvida se é engraçado ou
37		se não é]
38	Dalia	[é muito diá:logo né é↓]
39	Marcela	é muito da fa:la né
40	Aurora	eu acho que isso é maturidade mesmo [que vai fazendo você]

Quadro 13

Alimentada pelo detalhe da imagem da festa que Aurora faz: [eu devia ter uns sEIs anos aniversário de uma amiga minha naquela época não ti:nha: é: (2.0) é-mágico que você: contratava mas o PAI dela sempre alugava FILME(.) pra você ver na festinha] (l. 2 a 4), Marcela confirma a imagem que tem em mente: [mas não tinha vhs↑] (1.9). Aurora narra a experiência dando detalhes que vão da sua idade na época ao tipo de aparelho utilizado na transmissão do filme. Estes detalhes contribuem para o delineamento da narrativa por parte do ouvinte e também para dar verossimilhança ao que foi narrado.

Em resposta aos detalhes expostos por Aurora, Marcela e Dália não só se mostram interessadas, reforçando as necessidades de face de Aurora, como também parecem alcançar o objetivo de Aurora. Ao rirem mostram que estão envolvidas e, conseqüentemente, foram capazes de imaginar a cena descrita por ela. Depois do riso, continuam alinhadas à Aurora e contribuem para o envolvimento com os comentários: [hahah^o gente muito bom isso^o ele não parou o filme no meio↑][lógico na idade errada né↑] (1.21) e [não traumatizou totalmente] (1.22).

Ainda em relação ao filme de Woody Allen, Aurora se vale de imagens para chegar ao clímax da narrativa quando menciona: [aquelas crianças todas olhando praquilo sem entender PORRA nenhuma] (1.16 e 17). O uso de [crianças todas] e [PORRA nenhuma] ajuda os interlocutores a perceberem a quantidade de crianças e o tamanho da discrepância entre o filme e o contexto em que foi exibido.

É interessante notar que quando a narrativa já está concluída e o enquadre de brincadeira vai chegando ao fim, as estratégias de envolvimento diminuem e a interação se dá em torno de elementos mais generalizados, acabando o uso de imagens detalhadas. Nas linhas 35, 36 e 39: [é muito] SUTIL é muito (.) você [tem dúvida se é engraçado ou se não é] e [eu acho que isso é maturidade mesmo [que vai fazendo você], por exemplo, fala-se sobre a sutileza do autor e a maturidade necessária para entender seus filmes, mesmo o pronome [você], neste caso, refere-se a um você generalizado que quer significar todas as pessoas.

O envolvimento e o humor a partir de imagens também ocorrem na narrativa co-construída por todos os participantes presentes - Dália, Aurora e Marcela - a respeito da demora de Clara.

Segmento (4) – “[vem cá] (.) a clara vinha da onde da índia↑”

Participantes: Dália, Aurora e Marcela

1	Dália	[vem cá] (.) é: a clara vinha da onde da índia↑[hahah]
2	Aurora	[hahah O VÔO DELA
3		CHEGAVA QUE HORAS]
4	Marcela	[hahah] a hora que ela
5		ligou ela tava no aeroporto
6	Dália	[hahah]
7	Aurora	[esperando as bagagens (.) esperando]
8	Marcela	[da índia]
9	Dalia	[não parece que ela] a policia federal PEGOU ABRIU TODAS AS
10		[MALAS hahah]
11	Aurora	[é] ALGUÉM TEM O TELEFONE DESSA SENHORA↑que eu não
12		trouxe meu telefone
13	Marcela	eu tenho

Quadro 14

Neste momento, percebemos que, ao invés de usarem expressões fixas como dizer que falta um participante para o almoço, o que levaria a uma idéia abstrata, as participantes preferem usar detalhes para transmitir imagens, a partir das quais o envolvimento é garantido na interação. Além disso, este segmento é singular não só pelas imagens elaboradas pelas participantes que permitem que as próprias vejam Clara no aeroporto da Índia esperando as bagagens e sendo revistada pela polícia federal, como, principalmente, por tratar-se de um diálogo co-construído por todas, o que assegura um envolvimento maior ainda. Cada linha conta com a contribuição para uma imagem que é co-construída por todas, na linha 1 Dália inicia a narrativa introduzindo a Índia acompanhada do riso como elementos geradores de humor, responsáveis pela quebra de expectativa nas demais participantes: [vem cá] (.) é: a clara vinha da onde da índia↑[hahah]. Em seguida, nas linhas 2 e 3, Aurora contribui com o fato de Clara estar chegando direto do aeroporto, indagando a hora em que ela chega. Marcela introduz mais uma contribuição nas linhas 4 e 5 que é incrementada na linha 8 quando fala que, quando Clara ligou naquela manhã, ela estava no aeroporto da Índia: [hahah] a hora que ela ligou ela tava no aeroporto. Como se fizesse parte do mesmo turno de Marcela, Aurora acrescenta que Clara estava esperando as bagagens no aeroporto da Índia: [esperando as bagagens (.) esperando] (1.7). E, finalmente, nas linhas 8 e 9, Dália introduz mais um elemento gerador de

humor que quebra ainda mais as expectativas, a polícia federal abrindo as malas de Clara: [não parece que ela]a policia federal PEGOU ABRIU TODAS AS [MALAS hahah].

As imagens co-construídas pelas participantes dentro deste enquadre de brincadeira parecem funcionar, paradoxalmente, para dar veracidade a uma narrativa que é inventada. O humor acontece aqui, justamente, porque é compartilhado pelas participantes o fato de que esta narrativa é inventada. A graça parece residir na capacidade momentânea e espontânea de invenção e contribuição para a narrativa co-construída.

5.3.2.2.

As repetições

Quando Aurora trata de sua postura em relação à Woody Allen depois de narrar a experiência do primeiro filme ela diz primeiramente que não gostava de Woody Allen, mas mais enfaticamente, em seguida, repete dizendo que não conseguia assistir Woody Allen, afirmando a repulsa quanto ao autor e, também usando uma imagem mais clara e detalhada, o que faz com que envolva os outros participantes da interação: [mu:ito tempo eu achava woody allen muito ruim eu não conseguia assistir woody allen >não era assim< não acho ruim eu não consigo assistir] (1.25 e 26). A repetição que ocorre neste segmento, por não ser uma repetição lexical e sim uma repetição semântica, parece funcionar como uma outra idéia, ou seja, uma outra significação que contribui para a mesma imagem delineada na mente dos interagentes. Este segmento apresenta ainda a repetição do nome [Woody Allen], o que fortalece ainda mais o envolvimento conversacional.

O envolvimento é evidenciado pelos comentários feito por Dália e Marcela: [eu acho que eu não entendia o humor dele entendeu↑não entendia [depois] é que comecei a:] (1.27 e 28) e [é ()] (1.29). Depois das repetições de Aurora, Dália se alinha a Aurora dizendo que não entedia o humor de Woody Allen. Mesmo que Dália não tenha dito que não gostava do autor ou não conseguia assisti-lo, como foi dito por Aurora, seu turno confirma o tom de Aurora. O humor pressupõe entendimento, caso não se entenda uma piada, por exemplo, ele perde seu valor como tal. Dália, portanto,

não gostava de Woody Allen também e, ao trazer este dado para a interação, neste momento, contribui para o envolvimento das três participantes que compartilham este piso conversacional. O comentário de Marcela também contribui para o envolvimento geral da interação por afirmar e, conseqüentemente, concordar com o que foi dito por Aurora e assim, alinhar-se a ela.

Depois de compartilharem sua primeira idéia quanto aos filmes de Woody Allen, Aurora e Dália justificam esta concepção de formas distintas. Aurora descreve o autor topicalizando a sua sutileza: [é muito] SUTIL é muito (.) você [tem dúvida se é engraçado ou se não é] (1.35 e 36) e Dália, com a colaboração de Marcela, conta como que, a partir do seu autodesenvolvimento, o contato com os filmes foi se tornando mais atraente: [depois] é que comecei a:] [Marcela: ficar mais refinada] (1.31 e 32).

Mesmo não partindo da mesma justificativa, pois, Aurora fala do autor e Dália de si mesma, as duas encontram na maturidade um ponto em comum. Dália fala da sua maturidade através de [depois fiquei mais refinada] e Aurora se alinha a ela dizendo que é esta maturidade que faz com que se entenda o autor. Além da maturidade, as contribuições de Marcela parecem funcionar também como elo entre as justificativas de Aurora e Dália. Na linha 32: [ficar mais refinada] Marcela co-constrói o discurso de Dália alinhando-se assim a ela ao entender que com o tempo Dália tornou-se mais refinada para entender o humor de Woody Allen. Em seguida, usa o mesmo termo “refinado” para adjetivar o autor. No segmento seguinte, em que Aurora alega que o humor do autor é [SUTIL] e que [você tem dúvida se é engraçado ou se não é] percebemos que a idéia imersa em [refinado] proferido por Marcela é a mesma do segmento proferido por Aurora.

Os diálogos de Woody Allen parecem funcionar como mais um elemento que se repete na interação e, conseqüentemente, gera envolvimento entre as participantes. No contexto de filmes de Woody Allen, as participantes usam os termos “diálogo” e “fala” como sinônimos, fazendo uso, assim, mais uma vez, da repetição semântica como estratégia de envolvimento. No entanto, esta repetição é diferente da analisada anteriormente. A repetição que ocorre aqui não ocorre somente no nível semântico como as demais, nas linhas 37 e 38: [é muito diá:logo né é↓] e [Marcela: é muito fa:la

né] há também uma repetição sintática. A mesma estrutura frasal é usada, o que parece contribuir principalmente para o envolvimento entre as participantes e a interação e não somente para o envolvimento entre participantes. Ao utilizar a mesma construção frasal Marcela se mostra atenta ao que acaba de ser trazido para a interação, da forma em que foi trazido por Dália.

Outra forma de repetição ocorre no momento em que as participantes reclamam que Clara ainda não chegou. Neste momento a repetição se dá a partir de elementos que pertencem a um mesmo campo semântico, a viagem. É interessante perceber que, através das repetições, as participantes estabelecem e criam imagens a partir de um termo - ou termos - que repete(m) a idéia de viagem. Primeiramente Dália pergunta se Clara vinha da Índia, introduzindo o verbo vir e o país que remetem à viagem: [vem cá] (.) é: a clara vinha da onde da índia↑[hahah] (1.1). Em seguida, é a vez de Aurora contribuir com o [VÔO] (1.2) e Marcela com [aeroporto] (1.5). Aurora mantém a repetição com [esperando bagagens] (1.7), e quando o turno volta à Marcela ela traz novamente para a interação a idéia de viagem à índia finalizando o turno iniciado por ela nas linhas 4 e 5 e complementando a idéia de viagem na linha 8: [da índia]. Ao fim, Dália menciona a [polícia federal] (1.9) e [malas] (1.10), remetendo, mais uma vez à viagem. Dessa forma, parece que o humor se faz possível a partir do envolvimento identificado, não somente, mas também nestas repetições.

5.3.2.3.

O diálogo construído e colaborativo

Nas interações onde o foco do humor não é um dos participantes da interação percebemos que o diálogo construído funciona, muitas vezes, na elaboração conjunta de uma narrativa. Evidenciamos alguns exemplos onde a co-construção da narrativa funciona como elemento que estabelece o envolvimento e também o humor.

O próximo segmento analisado parece tratar-se de uma narrativa. Aurora conta como foi o seu primeiro contato com os filmes de Woody Allen. Para a análise deste segmento, parte-se de uma perspectiva de que Woody Allen não é um autor simples de ser entendido. Trata-se de um autor que faz uso frequente de ironia o que

faz com que seus textos sejam direcionados a um público diferenciado, que seja capaz de entender as sutilezas de suas ironias.

Aurora inicia uma narrativa (l. 1 a 4). Apesar de haver uma sobreposição logo no início do turno na linha 5: [desde o tempo que eu comecei a()], onde Dália se refere ao que havia sido dito posteriormente, Aurora parece tomar conta da maior parte do piso conversacional neste segmento. Isto se explica pelo turno de Aurora tratar-se de uma narrativa e para tal, necessita de um turno mais extenso e também da autorização dos outros participantes da interação. Dália e Marcela estão atentas à narrativa e fazem contribuições colaborativas: [ah [que barato] (l.6) e [mas não tinha vhs↑] (l.9), autorizando e co-construindo a narrativa de Aurora.

Das linhas 13 a 18 Aurora narra a história de seu primeiro contato com os filmes de Woody Allen: [ai: eu- eu sou da época de super oito eu tinha filminhos super oito(.) aí ele alugou o filme achando que era uma [grande comédia] e [era woody allen que era um que ele sai da prisão que [é antiqüíssimo aquelas crianças todas olhando praquilo sem entender PORRA nenhuma >cara< hahah sem entender nada hahah >é muito bom< ai eu tive horror a woody allen] durante mu:ito tempo]. A narrativa parece chegar ao clímax quando o humor é, aos poucos, introduzido por Aurora: [aquelas crianças todas olhando praquilo sem entender PORRA nenhuma >cara< hahah sem entender nada hahah >é muito bom<] (l.15 a 17). Entendemos este momento como uma abertura de enquadre de brincadeira, no entanto, trata-se de um enquadre diferente dos demais analisados a partir dos outros segmentos. Como estamos diante de uma narrativa, esta abertura de enquadre parece acontecer progressivamente, aumentando com a introdução de novos elementos de humor durante a interação. Quebras de expectativas lexicais aparecem ao longo do turno da narrativa como por exemplo [grande comédia] e [prisão] e [antiqüíssimo] e [crianças].

Como se trata de uma narrativa, a identificação do fechamento do enquadre de brincadeira não parece tão trivial neste segmento como nos demais analisados. Nas linhas 17 e 18: [ai eu tive horror a woody allen] durante mu:ito tempo] percebemos o fechamento/conclusão da história e, a partir daí, tanto Dália quanto Marcela percebem a liberação do piso conversacional e acontece, assim, uma sobreposição de falas.

Alinhadas à narrativa de Aurora, Dália e Marcela fazem perguntas e comentários: [lógico na idade errada né!] (1.23) e [não traumatizou totalmente] (1.24) e, além de estenderem a narrativa iniciada por Aurora, estes comentários funcionam como a primeira parte do par adjacente que terá como segunda parte a repetição do fechamento/conclusão da história feito por Aurora: [mu:ito tempo eu achava woody allen muito ruim eu não conseguia assistir woody allen >não era assim< não acho ruim eu não consigo assistir] (1.25 e 26).

No segmento (4) as participantes contribuem sequencialmente e tecem uma narrativa conjuntamente, onde cada uma das participantes contribui com um elemento a mais na narrativa. Dália inicia a narrativa questionando o paradeiro de Clara, membro do grupo ainda não presente na interação: [vem cá] (.) é: a clara vinha da onde da índia↑[hahah] (1.1). Aurora mantém a pergunta já num tom mais alto para se fazer ouvir em meio ao riso de Dália: [hahah O VÔO DELA CHEGAVA QUE HORAS] (1.2,3) e Marcela, rindo, acrescenta que: [hahah] a hora que ela ligou ela tava no aeroporto] (1.4,5). Aurora complementa o enunciado de Marcela dizendo o que ela estava fazendo no aeroporto: [esperando as bagagens (.) esperando] (1.7). Qualificando o seu próprio enunciado nas linhas 4 e 5, Marcela fala que o aeroporto mencionado por ela anteriormente era o aeroporto da índia (1.8). E, por fim, Dália introduz os últimos elementos da narrativa: [não parece que ela]a policia federal PEGOU ABRIU TODAS AS [MALAS hahah] (1.9 e 10).

O alto número de sobreposições deste trecho, nas linhas 6, 7, 8 e 9, além de demonstrar a co-construção do enquadre de brincadeira que conta com a colaboração de cada uma das participantes, demonstra também a afinidade entre elas que se sobrepõem sem que com isso tragam conflitos ou pausas para a interação.

Embora existam muitas sobreposições neste segmento, o riso que permeia esta narrativa parece funcionar como gerenciador da troca de turnos. Ele marca o final ou o início de uma contribuição ao diálogo e as participantes parecem cientes disso, entendendo que se a contribuição já estiver sido feita, ele ocorre para fechar aquele turno, ou, se nada ainda estiver sido dito, ele funciona para abrir o turno que virá acompanhado por uma contribuição seguinte.

Acreditamos que enquadres de brincadeira direcionada a elementos externos se evidenciam a partir das estratégias de envolvimento analisadas acima, os diálogos construídos, as repetições e as imagens. É por meio destas estratégias de envolvimento que os participantes demonstram que estão alinhados em relação ao que está sendo dito. Este alinhamento dá um caráter solidário aos momentos que tem o foco do humor externo à interação. Embora tenhamos evidenciado que a característica solidária também aparece no humor direcionado a um participante da interação, percebemos que aqui, no humor direcionado a um elemento externo, a solidariedade também se mostra presente. Como nenhum dos envolvidos é alvo da brincadeira, a brincadeira não gera uma ameaça, portanto, a sensação de solidariedade parece ser mais facilmente entendida.

Vimos que muitos dos segmentos analisados nesta seção são narrativas co-construídas que apresentam várias estratégias de envolvimento. Apesar de termos analisado-as separadamente, percebemos que estas estratégias operam concomitantemente, aumentando ou diminuindo o grau de envolvimento a partir do número de estratégias utilizadas.